

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fanearia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o país, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço ínfimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homeus e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios países, em anthologias de grande e pequeno tomo, didaeticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muito provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer recommenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreaantes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offererem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL, publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hoteis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examiar.

Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 11 de Junho de 1921

NUMERO 7

BRIGA DE GALLOS — Ju-
lio Scheibel.LAGRYMA PERDIDA —
Lucio de Mendonça.O CORDÃO — Thales An-
drade.

SUMMARIO

O ARREPIO — Oscar
Lopes.SUPPLEMENTO — Vida
Literaria — Critica —Melian Lafinur.
Paginas Celebres — Da "Ar-
te de Furtar,"
Leituras — O Nome Brasil
— Questões de Portuguez
— Reliquias da Memoria.
Os nossos poetas — Uma
bella imagem.

BRIGA DE GALLOS

O coronel José Fulgencio era durante os seis dias uteis da semana, uma figura respeitavel, no restricto, ankylosado meio provinciano, em que vivia a sua vida, pouco menos que vegetativa, tal a sua monotona uniformidade.

Representando, na collectoria federal, uma das incontaveis radículas da arvore do fisco, já cincoentão e tendo ás costas o fardo da familia, numerosa como ellás sóem ser por esse interior, onde quasi nada existe a se fazer, tudo se conjugava para compellir-o a ser um homem ajusado e serio, pacato nos seus habitos e solido palanque da ordem de coisas vigente, á phalange de cujas ventosas de succção desfructava a subida honra de pertencer.

Assim era, de facto; mas ao cabo dos seis dias, entrava-lhe o demonio naquelle lerdo corpanzil adiposo, de burocrata da roça, tão fundamente característico da classé.

O demonio era a briga de gallos.

Mastigado e deglutido o almoço, saboreado demoradamente o café e, mais demoradamente, o seu complemento indefectivel — o cigarro de palha — o coronel desandava para o quintal, tendo aos calcanhares a sua ordenança e consultor tecnico — o moleque Salustiano, que lhe fazia as compras, os recados e lhe carregava os gallos.

Nas duas estiradas fileiras de caixões gradea-

dos, que ladeavam o passeador, começava a escolha das victimas do dia.

— Solte o Cedro, Salustiano. Quero ver si elle não está sentido da escorva.

Aberta a porta do caixote, salta para a liça — perdão! — salta para o chão batido um bellissimo indio vermelho-queimado.

Estirando-se, como quem se espreguiça, palmeou azas e, soltando-o aos echos dos muros divisorios, o indio expelliu da garganta aquelle mesmo, gallinaceo brado, que foi o motivo maximo das atrapalhações do claviculario do céo.

— Está na conta e vai, fez, satisfeito. Vamos ver agora si o Prata tambem serve.

Soberbo na sua plumagem branca, aqui e além mesclada de pennas pretas, pula um novo Chanteclér.

Tacteação de pescoço, exame anatomico dos musculos das coxas e todo o resto da ladainha, disposições combativas inclusive.

— Não, o Prata não serve, Salustiano.

Corridos todos os passos daquela via sacra, moleque atraz e coronel adeante, em faina seleccionadora, estava eleita a cohorte dos mais aptos a representarem a pujança da sua creação nesse genero de sport, com que, si a archeologia não é uma peta, já se deliciavam os ruivos e guedelhudos antepassados do sr. Lloyd George, ao tempo em que descobriram na sua patria insular as primeiras minas de estanho.

A rinha era lá para os cafundós de um bairro, no quintal de um preto velho e velhaco, que della e de outras artes ainda meños limpas mungia o latex sustentador da sua regalada existencia de malandro.

O coronel á frente, o Salustiano atraz, sobraçando um par de gallos, que sobrára da correição matinal, sulcavam a poeira da rua, rumando para o polo magnetico, onde a ralé mais reles se congregava, conclamada pelos berros dos gallos e, mais ainda, pela esperança de topar com um pato, cujas pennas, estampadas e de curso obrigatorio, não fossem muito duras de arrancar...

Das escorias, a mais infima alli se reunia. Eram negros esfarrapados e trescalando cachaça, caboclos de pés no chão, uns poucos de bodes pernosticos e avalentoados, em summa, a borra da materia prima de que se fez a raça brasileira.

Circo de cavallinhos em ponto pequeno; bancadas mais empinadas; picadeiro de tres metros; tres palmos de altura no rodeio; gaiolas de gallos, um começo de poço — o rebolo — e, pelas bancadas, uma colleção de trombas, onde Lombroso teria um pouquinho a aprender.

— O coroné vem hoje, nhô Nito?

— Elle não faia, é pinhão cosido, nhô Bié.

— Hoje é o dia delle tomá um banho. Voceis não de vê.

E, pelos cantos escusos, era um nunca acabar de cochichos, de conciliabulos mysteriosos, em que os typos mais representativos daquella sucia de vadios preparavam manhosamente todas as etapas do tombo reservado ao coronel.

As brigas, nesse interim, se iam arrastando frias, desanimada a jogatina e mais inda os jogadores. Faltava, evidentemente, o prato de resistencia...

Por fim, despontou o coronel no portão, de chapéu atirado para a nuca e um ar de animação, que vincadamente contrastava com o seu sorumbatico todo costumeiro.

Era a praga da gallomania, o demonio do vicio incoercivel que lhe reinava nas tripas. Vinha sonhando despiques de amor proprio ferido e estrondosas desforras dos pesados rimbos pecuniarios idos.

— Hoje, ruminava lá com os seus botões, esta cambada vai pagar-me o novo e o velho. Não de conhecer. Ontras brigas pode ser que perca, mas a do Cedro é minha, nem que chovam canivetes.

Coisa extraordinaria: duas briguinhas atôa, de

vinte mil reis, para encher tempo, foram rapidamente ganhas pelos gallos do coronel, que se entufava, como um Perú, com o chapéu cada vez mais para a nuca, falando de papo e, no sordido botequim appenso á rinha, onde caboclos e negros emborcavam martellos de canninha, regando fartamente a cerveja cada uma das victorias.

— Solte o Cedro, Salustiano, tonitrouou. E, vocês, fiquem sabendo agora que este é sem reserva e não briga por menos de quinhentos.

O gallo, como si entendesse o dono, todo se pavoneava, altivo e fanfarrão, flammante na sua plumagem acobreada.

Dois ou tres dos velhacos presentes confabularam aparte, longa, demoradamente, contaram umas notas sujas, tiradas de uns lenços sujissimos e, alfim, sacaram de uma das gaiolas-caixas um gallo feio, mal empennado, chambão, uma coisa sem geito, afinal de contas.

— Nois pomo este no seu, si dé lambuge, seu coroné, disse o Nito.

— Para brigar com esse defuncto, dou, oh! si dou, dou, gargalhou em gyrandola de grossas gargalhadas o coronel, saudando o apparecimento do lamentavel adversario. Quanto querem vocês?

— Cincoenta.

— Feito. Soltem os bichos.

Depois dos primeiros choques, dos esbarros preliminares, em que o lindo gallo do coronel atirava longe, aos trambulhões, o seu mal ajambrado contrario, trançaram, como se diz na gyria dos freguezes dessas espeluncas.

Erecto e lepido, o gallo vermelho, gyrando ve-loz, não poupava as pancadas rapidas e firmes, do passo que o outro, acaçapado e sorna, apenas buscava esconder-se-lhe sob as azas, ou escapar á saraivada de golpes com curtas, desgeitosas carreirinhas.

— Dou dobrado contra singelo, bufou o coronel, impando de entusiasmo.

Silencio.

— Cinco para um e é para o que quizerem, urrou de novo.

Troca rapida de olhadellas furtivas, mas ninguém ergueu a luva. A briga pròseguiu nos seus tramites, favoravel ao gallo do coronel.

A uma pancada mais violenta, de nuca, que fez o outro gallo estrebuchar, elle, já incapaz de se conter, explodiu:

— Dou dez, dou até vinte por um!

— Si vancê sustenta a palavra, eu pego, retrucou nhô Bié, caboclo velhusco, matreiro e sonso.

O coronel viu malignamente fitos em si os

olhos, entre attentos e escarnecedores, de toda aquella cafila.

Subiu-lhe o sangue á cabeça.

— Sustento, sim. Quando foi que eu não sustentei o que disse?

— Pois então, eu jogo quinhento, mais ha de sê casado.

Passou-lhe ante os olhos o dinheiro que havia no cofre da collectoria. Era só ir buscal-o, dar uma licção de mestre áquella corja, que vivia de explorações e tornar a leval-o.

— Mas, preciso ir buscar o dinheiro.

— Si seu coroné quizé, tem ahi um trolynho, interveiu, officioso e todo salamaleques, o dono da rinha.

Um instante o coronel ainda hesitou. Mas foi um instante só. Virou mais dois copos de cerveja, separaram-se os gallos, poz o moleque de sentinella e trepou para a carriola, chicoteando o escanzellado rossim.

Antes de meia hora estava de retorno e exhibia os pacotes de dinheiro do governo, que se foram misturar com as notas do batoteiro.

Proseguiu a briga.

Contra tudo que se podia prever, contra as probabilidades todas, o que o coronel qualificára de defuncto patenteava numa tenacidade, uma resistencia incriveis. Não só seguia apanhando a pé firme, como já reagia, a intervallos progressivamente mais curtos, com golpes cada vez mais fortes e certos.

Por fim...

Por fim, uma pancada violentissima na cabeça, na nuca, fez com que Cedro, o bello gallo vermelho-queimado, deitasse a fugir, gritando lamentosamente...

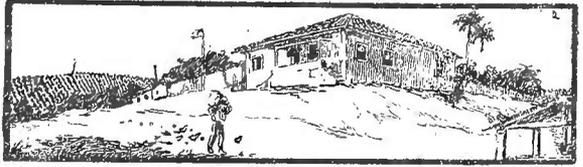
O coronel viu uma nuvem deante dos olhos; depois, andaram-lhe á roda bancadas, rinha e toda aquella grey.

Zunindo-lhe os ouvidos, andando titubeante, inconsciente, automaticamente, sahiu.

No cerebro congestionado a demissão do cargo, a penhora da casa, que era a fiança e a cadeia misturavam-se, baralhavam-se numa sara-banda hedionda.

Piracicaba, Maio de 1921.

JULIO SCHEIBEL



LAGRYMA PERDIDA

(A URBANO DUARTE)

I

Sómente quem nunca esteve na villa fluminense onde se deu o extraordinario caso póde ignorar a historia do Raphael ourives. Tambem, a historia do coitado resúme-se no facto que lhes vou contar: o mais de sua vida obscura apenas tornou-se conhecido e fallado depois que se illuminou com este acontecimento notavel.

A modestia do meu pobre heróe começa já pelo nome: chamava-se unicamente Raphael, sem nenhum appellido de familia; ourives, acrescentavam alguns, sem cuidar que assim lhe estavam declarando um bello titulo de nobreza, conferido pelo seu trabalho, pela sua profissão, que, tão bem exercida, se tornára de simples officio verdadeira arte. Raphael ourives era, de feito, um artista: rimava o ouro com o diamante como Gautier lapidava a estrophe; compunha braceletes que fechavam bem como sonetos de Petrarcha; ha um broche delle tão rico e scintillante que é vêr uma pagina das *Orienteas*.

E era ourives mascate; levava, triste rhapsoda, de povoado em povoado os seus poemetos de ouro e pedraria.

Quiz a má fortuna que aquelle coração peregrino se agrilhoasse no captivo de um amor forte; enamorou-se o rapaz de uma creaturinha anemica e desengraçada, primeiro e futil pretexto que a sua imaginação de artista por desgraça encontrou para incarnar o formoso ideal que o enamorava.

A menina — chame-se Laura, que é nome romantico — tinha por pae um portuguez cheio de senso pratico e de calculos exactos; comprehendia muito poucas coisas, mas de tudo o que menos comprehendia era genro pobre. Ora cumpre dizer que Raphael não teve tempo de informar-se das opiniões do burguez antes de achar encantadores os olhos da filha; mais culpada foi ella, que, deyendo conhecer o bom do pae que tinha, alimentou com fartura de olhares e sorrisos o infeliz amor ainda implume que, com isso, creou azas. Azas tão atrevidas que Raphael, em poucos dias, foi ter com o pae da moça e pediu-lh'a em



casamento. Ali é que foi uma scena triste para o namorado; o homem respondeu-lhe, com um risinho brejeiro que era muito seu:

— Meu caro sr. Raphael, eu sou homem de negocios francos: a menina já me foi pedida por um moço do commercio, bem encarreirado, que tem de seu uns dez contos e ha de vir a ter mais um par delles por morte da mãe, a qual, se Deus fôr servido, não pôde tardar muito. O senhor desculpe a sinceridade... eu sei que a menina lhe quer mais que ao outro... mas na minha posição de pae e homem que conhece a vida, bem vê que não posso deixar de perguntar-lhe... de quanto dispõe o senhor?

Raphael empallideceu de indignação e perguntou-lhe, mal contendo a ira que o engasgava:

— E a sra. d. Laura pensará como o senhor?

— Nesses negocios penso eu por ella, meu caro amigo!

— Acha então que é apenas um negocio?!

— Mais importante que alguns outros, é só a differença.

— Está claro, o senhor é sectario da doutrina do casamento em concurso; por outra, é pae leiloeiro; entregará a filha a quem mais der.

— Pois, senhor, não conte commigo, que sou mau licitante.

E voltou as costas ao riso amarello com que o outro o escutava. Quem pudesse ouvir o doloroso monologo que elle ia revolvendo no espirito perceberia, pouco mais ou menos, isto:

— Dez contos de réis e mais a herança materna! não tenho tanto dinheiro! E o mais? — a minha vida, cheia de privações, mas sem uma unica vergonha, o meu talento, a minha arte?... que me vale tudo isto? o que elle quer, o que elle conhece, é o dinheiro. — E a sra. d. Laura pensará como o senhor?" perguntei-lhe; devo tambem perguntar-lh'o, a ella. Antes disso, nem a posso julgar com justiça, nem decidir com prudencia o que hei de fazer de mim.

Mas, depois do que ouvira e dissera ao pae de Laura, não podia voltar á casa delle; não queria, tão pouco, escrever á moça: nunca lhe tinha escripto, nem sabia escrever que prestasse; demais entendia que era mal feito dirigir-lhe carta: — esperou que ella fosse a uma casa do seu conhecimento, onde poderiam conversar francamente. Só oito dias depois, foi Laura uma tarde, á tal casa.

Raphael entrou pouco depois della. Conversava-se na sala de visitas; a filha do burguez, como se tractasse de costuras, dizia como e porque ia

casar, dahi a dois mezes, com o sr. Luizinho do armazem:

— Meu pae quer, e eu acceito, acabava de dizer, quando Raphael entrou, depois de estar parado á porta algum tempo, ouvindo as phrases banaes com que a menina sem coração ingenuamente o apunhalava.

Laura, quando viu o namorado, assustou-se como uma criança apanhada em flagrante travessura, e corou vivamente.

— Peço desculpa, balbuciou Raphael, não pensei que viesse surpreender uma conversa intima... Mas d. Laura não tem de que ficar assim envergonhada... é tão natural casar, na sua idade.

Cumprimentou com um modo digno e triste, e sentou-se; conversou pouco, — a conversa geral esfriára com a sua entrada, — e, ao despedir-se, declarou que se despedia para uma viagem de muitos annos, talvez para sempre.

— Para onde vae? perguntou-lhe a dona da casa.

— Por esse mundo fóra, respondeu, e sahio, todo enleado.

Quando chegou á estalagem onde estava hospedado, encontrou um moço que o esperava. Era o sr. Luizinho do armazem.

— Eu vinha encommendar ao sr. Raphael que me fizesse uma joia bem bonita; pode ser... Não tem pressa; basta que fique prompta nestes dois mezes: é para dar de presente a minha noiva, no dia do casamento... Quero coisa ali para cento e cincoenta, até duzentos mil réis, quando muito...

— Não senhor, atallou Raphael, não posso fazer viagem amanhã e não volto.

— Mas a Laura queria mesmo que a joia fosse feita pelo senhor...

— Já disse que não faço, que não posso, que não quero. E passe bem; tenho mais que fazer.

Deixou o sr. Luizinho pasmado na sala e entrou para o seu quarto.

II

Estava, enfim, só. Sentia uma constricção na garganta; tinha vontade de chorar, de blasphemar. A sorte opprimia-o, indignamente. Dizia-lhe a consciencia que era um rapaz honesto, laborioso, cheio de boas intenções; dizia-lhe o coração — dizia-lh'o em tumultos desesperados — que amava immensamente, e não o amavam nem comprehendiam. Outro, bom rapaz, talvez, honrado e trabalhador tambem, mas estúpido e feliz, ia receber, sem exaltação nenhuma, com uma naturalidade idiota, a ventura transcendente, que a elle o

endoideceria de jubilo! E ella tambem, que alma pequenina! com que facilidade o sacrificava! Só se lembrára d'elle para desejar que lhe fizesse uma joia para o dia do casamento; suggestão de vaidade, não de amor. Afinal, mostrava que merecia bem o marido que lhe impunham.

Instinctivamente olhou-se a um espelho que pendia da parede, defronte; assustou-se do seu proprio olliario, tão sombrio era. Que cara de reprobo! e a angustia, a febre e o ciume dos ultimos dias escaveiraram-lhe o aspecto, já de si pouco formoso; emmagrecera como um naufrago num rochedo isolado; o rosto todo anguloso, estava devastado; os olhos, que tinha azues e esplendidos de vivacidade, luziam sinistramente, encovados; queimava-lhe os labios um sorriso ironico e mau. Não estava, com certeza, menos feio que o Gilliat depois da salvamento da *Durande*, maltrapilho, flagellado dos ventos, sugado pelas pustulas vivas da *pieuvre*, coberto de chagas irritadas pelos beijos da onda acérba.

Meditando da tristeza do seu destino, que se antolhava ermo e desconsolado, lembrou-lhe, de improviso, que desde criança guardava, com inviolado segredo, uma dadiva mysteriosa, que sua mãe lhe entregára, com a mão já fria, no leito de morte. Era um cofresinho quadrado, envolto em papel branco, lacrado, com esta inscripção em caracteres miudos: *Lembrança de tua mãe, para só abrires um mez antes do teu casamento.* Respeitara até allí, fielmente, a recommendação materna; muitas vezes soffrera necessidades de dinheiro, estreitas necessidades, e imaginára que aquillo podia ser algum objecto precioso; mas nunca se resolvera a rasgar-lhe o involucro: fôra uma antecipação, que se lhe afigurava sacrilega. Demais, pensando bem, que valor podia ter em moeda a dadiva de sua mãe, que morrera tão pobre?! E' certo que o pae, garimpeiro feliz da provincia de Minas, fôra em outro tempo, senhor de bons haveres; mas dissipára em jogo desenfreado todos os bens da fortuna aventureosa, e um dia, achando-se roubado na ultima importante parcella de sua riqueza, um fabuloso diamante, que até então conservava bem guardado, suicidára-se covardemente, deixando ao desamparo a viuva e o filho ainda infante. Mas naquella tristissima noite, desenganado para sempre, vendo fechado em trevas todo o futuro, assentou Raphael desvendar o segredo de tantos annos, depois de haver assim raciocinado consigo.

— Ou abro agora a caixinha ou nunca mais, porque eu, decididamente, já não caso.

Avivou a luz do lampeão que ardia no quarto, e tirando de uma canastrinha de viagem o mysterioso guardado, rompeu commovido, o envoltorio de papel amarellecido pelo tempo; achou uma caixinha de velludo roxo, abriu-a... Teve um deslumbramento! era um thesouro esplendido, um diamante enorme, fascinante, incrível, o maior que já encontrára, elle que muitos e riquissimos tinha visto! Tomou-o na mão tremula, mirou-o á luz: cegava; era uma pedra magnifica, sem fallha, sem jaça, rutilante maravilha!

— Estou rico! exclamou attonito. Era este o diamante que tantas vezes ouvi dizer que foi roubado a meu pae, e cuja perda lhe custou a vida! E accrescentou, chorando no intimo da alma: — Deus té perdõe, minha mãe, a tua santa culpa! bem caro paga hoje teu filho o desvario de teu amor: é inutil este thesouro: eu já nada ambiciono do mundo: conheço-o; é para os estupidos e maus; é para o sr. Luizinho; é para Laura... Esses hão de casar e ser felizes... Felizes?! e porque não? E eu que amo ainda tanto! tanto! misero de mim!

Escondeu a face nas mãos e rompeu em soluços convulsivos.

III

Tres dias correram sem que Raphael sahisse do quarto, onde esteve fechado, noite e dia; na terceira noite, ordenou ao criado que lhe foi levar o chá:

— Diga a seu amo que preciso falar-lhe sem demora.

Dahi a nada entrava o estalajadeiro, e o ou-rives lhe dizia:

— Parto amanhã de madrugada; faça o favor de vêr a minha conta.

— Amanhã!... Mas o sr. Raphael a modo que está doente...

— E' o que lhe parece; não tenho nada. Veja sem demora quanto lhe devo; ainda tenho muito que fazer hoje.

O homem sahiu com a morosidade que entendia ser de boa delicadeza quando lhe pediam a conta, e pouco depois voltava com o quarto de papel garatujado e o apresentava ao freguez. Este leu a somma, pagou sem observação, e disse, fitando em face o negociante:

— Agora, por despedida, quero pedir-lhe um favor.

-- Dois ou tres, sr. Raphael.

— Esta caixinha é uma pequena encommenda do sr. Luizinho do armazem; já está paga; queira

entregar-lh'a em mão, amanhã mesmo, com esta carta. E boa noite!

— As suas ordens hão de ser cumpridas pontualmente. E agora até quando?

— Até breve; talvez para a semana... Boa noite!

— Pois boa noite, e boa viagem!

IV

No outro dia, estava o sr. Luizinho no armazem, que lhe dava a alcunha, quando o estalajadeiro veio ter com elle.

— Ora viva o sr. Luizinho!

— Bom dia... Sente-se, que estou muito occupado agora; ando ás voltas com os taes papeis do casamento... Olhe que é uma campanha!

— E quando é isso?

— Sabbado... se não chover.

— Pois o que aqui me traz não tem demora: o Raphael ourives...

— Sim!... Que sumiço levou esse malcriado? Olhe que outro dia estive para lhe dizer boas...

— Fez viagem esta madrugada; ficou de voltar p'r'a semana. Venho mesmo a mandado d'elle.

— Ahn!

— Deixou commigo, para lhe entregar, a sua encomenda, com uma carta.

— Eu não fiz encomenda nenhuma; estava-a fazendo... e até o desabrimento d'elle causou-me bem bom transtorno... Mas enfim, deixe ver isso.

Deu-lhe o estalajadeiro a encomenda e a misiva. Luiz abriu curioso a carta, relanceou por ella os olhos e metteu-a no bolso, fazendo-se circumspecto:

— Nunca pensei que o homem tomasse a serio a minha encomenda: foi uma loucura, das de noivo, sabe? mas, agora que está feita, é tratar de ser bom cavalheiro. Olhe só o presente de casamento que vou dar a minha noiva. Já viu algum dia joia mais rica, hein?

O estalajadeiro ficou boquiaberto deante da maravilha que, sem saber, trouxera ao outro.

Obra-prima de ourivesaria e prodigalidade como um principe poderia ter! era um alfinete de peito original e preciosissimo: uma grossa lagrima de brilhante gottejando de um punhalzinho de ouro.

— E' rico, sim senhor; mas é exquisito, homem! assim á primeira vista parece um punhal com uma lagryma;... e é que é mesmo, é...

— E' uma lagryma, não tem duvida, mas olhe que vale mais que todas as da senhora Magdalena arrependida, mais que todas as lagrimas do mun-

do! Nem calcula o dinheirão que isto me custa... contos de réis, homem!

— O Raphael disse-me que já estava pago. O sr. Luizinho metteu-se então em funduras...

— Homem, não: isto era uma divida perdida; o sujeito pagou-me com este brilhante. Podia ser peor.

— Isso agora é outro cantar. E quem lhe diz que o brilhante não é falso?

— Bem pode ser, não digo que não; mas como eu já não contava com a tal divida, tudo serve.

Despediu-se o estalajadeiro e sahiu. O sr. Luizinho leu segunda e terceira vez a carta; não entendia nada! dizia assim:

«Sr. Luiz. — Lembrei-me da encomenda que me fez e na occasião não acceitei e envio-lhe este alfinete de peito. Qualquer ourives daria por elle cincoenta contos de réis; mas não deixe de o dar, em seu nome, á sua noiva. E estime-a e respeite-a, faça-a feliz: é este o preço por que lhe vendo a joia. Pode dizer a sua mulher que o trabalho foi meu, como ella queria; mas exijo que não diga nunca, nem a ella, nem a ninguem, como obtive isto. Queime esta carta. — *Raphael.*»

— Seja como fôr, acceito muito calado, que não sou tolo, resolveu o sr. Luizinho. E faço um *figurão*. Mas pelo menos, devo convidar para o casamento o maluco do rapaz que se mostra tão interessado (cincoenta contos de réis!) em que a Laura seja feliz... Ha de se cuidar disso, meu caro, póde ficar descançado.

Dissera-lhe o estalajadeiro que a ausencia do ourives era por uma semana; adiou o casamento á espera d'elle; chegou a lembrar-se de o convidar para sua testemunha; mas passou-se a semana, passou-se um mez e Raphael não veio: celebrou-se sem elle o acto.

Na occasião de irem para a igreja, o sr. Luizinho offereceu a joia a Laura, dizendo-lhe que fôra, segundo o seu desejo, encomendada ao Raphael; a moça, fascinada de tanto esplendor, abraçou com effusão o noivo:

— Oh! agradeço-lhe muito! muito! nunca vi brilhante tamanho nem tão bonito!... A ideia do punhal e da lagryma é que foi infeliz e impropria... Só mesmo daquella cabeça...

Durante toda a festa, a joia foi objecto de geral admiração e manifesta inveja; as más linguas da terra chegaram a rosnar coisas feias a proposito de tão rico presente dado por quem não possuia muito; mas foi voto unanime que era um esplendor o alfinete da noiva, e o nome do artista andou de bocca em bocca. O mais mara-

vilhado foi o pae de Laura; mas, suspeitando algum mysterio criminoso, achou prudente nem se pôr com grandes admirações.

Correram annos e annos; o casal teve muitos filhos; e Raphael ourives nunca mais voltou, nem nunca mais se soube delle.

Rio Bonito, Dezembro, 1877.

LUCIO DE MENDONÇA



O C O R D Ã O

(A MONTEIRO LOBATO)

«Macuco», o sitio de Mariano José Bento, estava sendo preparado ha muitos dias, para uma festança rara.

Os caminhos foram capinados, a casa levou duas mãos de cal, a prateleira, ha tanto esquecida, foi lembrada, ganhando uma duzia de chircas com florzinhas roxas.

No chiqueiro, duas leitôas, gorditas, andavam em ponto de levar faca.

No cercado diversos frangos, escolhidos, passavam regaladamente...

Ao fundo da dispensa, um bahu antigo e morgado, cheirando a roupas velhas, ficou até a bocca, abarrotado de cousas assucaradas: doces de aboboras, de cascas de laranja, de cidra, de batata e brevidades, cocadas, broinhas...

— Não ha duvida, dizia o Mariano puxando a barba, a casa vae ser estreita para conter o povoão que vem assistir o casamento da minha Luiza Maria. Pois até o Manéco Honório, com a familia completa, prometteu não faltar! E olhe que elle tem de subir a serra! Agora que se dirá dos outros?

Mas socegava ao lembrar-se que o terreiro era grande...

Luiza Maria cuidava do enxoval.

Antonio Pinto, noivo e primo della, inda andava pela freguezia do Rio Claro, *pechinchando*, com uns e com outros, na compra do que fosse indispensavel para a montagem da casa.

Fôra previdente. Dois annos consumira numa sovinnice damnada, juntando dinheiro. Mas as cousas andavam «p'ra hora da morte» e elle só poude adquirir o principal, desistindo a contra-

gosto, de muita coisinha posta na *lista*. Um carro de bois, estrada a fóra, cantando, baldeou para o «Itaquiry» as compras do noivo.

«Itaquiry» ficava perto do «Mactico». Era um bom sitio e só lhe encontravam como defeito sério, o pertencer ao João Mandinga, que lh'o arrendava por bom dinheiro.

* * *

Chegou o dia do casamento.

De manhã, o Mariano chamou a filha e disse-lhe: — Olhe, Luiza Maria, como você sabe de sobejo, eu faço muito gosto nessa união. O meu sobrinho é um homem ás direitas! Você tambem tem dois braços que valem uma fortuna, não tem medo de serviço. E'. Vão formar um casalzinho que pode alcançar muita cousa no mundo. Mas...

— Que é meu pae? perguntou-lhe a filha assustada...

— É que não tenho grande couça para lhe oferecer de dote.

— Ora, meu pae...

— A canastra de couro é pouco, é muito pouco.

— Mas...

— Quer saber de uma cousa? Vou dar-lhe a única joia que resta do meu tempo de fartura. Vou dar-lhe o cordão...

— P'ra mim?!

— P'ra você mesmo.

— Deus lhe pague, meu pae... E o senhor deixa que eu leve tambem o «Crô-Cró»?

— *Ora essa!* Pois o «Crô-Cró» desde patinho é seu mesmo...

* * *

Chegou a hora do casamento.

Quando a noiva sahiu do quarto, toda a gente encompridou a vista, de espanto, vendo-a com um enorme e lindo cordão de ouro, brilhando-lhe no pesçoço.

O João Mandinga, presente, não se conteve. Poz-se a estalar os dedos no bolso. Depois com o bom pretexto de dar parabens e de pedir um botõesinho da grinalda, chegou rente da noiva, para melhor *avaliar* a joia.

* * *

Já fazia um anno que Luiza Maria estava casada.

No «Itaquiry», as cousas não corriam pelo melhor. Antonio Pinto cuidava pouco daquellas terras que não lhe pertenciam. Tinha como tolice rematada fazer bemfeitorias em terreno alheio.

E por causa disso viviam sem conforto. A ca-

sa pedia urgentes reformas, as cercas já não seguravam os animaes, o pasto praguejava...

— Quando os ipés florescerem, finda-se o arrendamento, disse um dia Antonio Pinto; ahí...

— Ahí o quê? perguntou-lhe a mulher.

— Ahí tomarei uma decisão que preste. Isso de viver «sem eira nem beira» não é commigo. Hei de comprar um sitio, seja onde fôr, á vista ou a praso, custe o que custar...

— E porque você não compra o «Itaquiry»?

— Ora, Luiza Maria...

— E porque não?

— Comprar o «Itaquiry»... É, seria mesmo «um pão e um pedaço», mas não sei o que tem o Mandinga, desde o nosso casamento. De cada vez que nos vemos, principia a gabar o «Itaquiry», arrematando sempre a dizer elle vale ouro.

— Isso é tactica. Decerto o Mandinga anda com tenção de subir o preço do arrendamento e se põe a gabal-o desse geito.

— Que cousa! exclamou Antonio Pinto olhando para fóra. Bem diz o dictado que «falar no mau é apromptar o pau».

— Porque?

— Pois o «homem vem vindo».

— Não diga!

Já no terreiro o João Mandinga berrava um «ó de casa!» com toda a força dos pulmões.

— Vá se chegando, seu João; vá se chegando e apeie, respondeu-lhe Antonio Pinto, solícito.

— *Bastarde, Antónho.*

— Bôa tarde. Entre e sente-se.

— Como vão *mecêis*, de calô, por aqui?

— Assim... assim, seu João. E que bons ventos «lhe» trouxeram em visita á gente?

— Não é visita, meu amigo. É *p'ra môr* de outra *coisa*. Vô usá de franqueza. *Nein* quero *fazê arroteios*. Vim prepô um negocio da china, *p'ra mecêis*.

— Que negocio é?

— *Oie, inté* agora andei de nó na lingua. Mas o nó vae se *desatá*.

— Pois fale, seu João.

— É simpres. Fiquei com *enguiço* por aquelle cordão de nhá Luiza Maria. Como *sô hôme* que se *apincha* numa tranzação, acho que devem *aporveitá* a febre. *Dô* o «Itaquiry» em troca do cordão e sem *vorta*.

—

— Que me *arresponde*? Veja que é uma barganha de se *acceitá c'as duas mãos*.

— Por mim *acceitava*, até já. Mas o snr. sabe: elle é da *patrôa*... Vou ver si ella quer.

— *Puis vae*.

E Antonio Pinto foi consultar a esposa, encontrando-a a debulhar lagrimas. Ouvira a proposta e não queria...

— Que pranto mais desperdiçado Luiza Maria! Não chore. Uma vez que não é de seu gosto, está tudo acabado. Mais vale a nossa harmonia do que todos os «Itaquiry» da terra!

Deixou a mulher enxugando os olhos e voltou á sala. Disse ao Mandinga que lhe desculpasse o recusar-lhe o negocio. Era uma grande massada e sentia demais, porém, o cordão era dessas cousas que não têm preço.

João Mandinga não insistiu. Não insistiu, mas tambem nem o café quiz esperar. Montou a cavallo e disse: — «*Não fais má. Vanceis* hão de se *arrepêdê*. Hão do *torcê* as *oreia*, mas sangue não ha de *sahi*».

E lá se foi, desconsolado, rilhando os dentes, disposto a não renovar o arrendamento do «Itaquiry» quando os ipés florescessem.

Como era natural, a proposta do Mandinga ficou sendo no «Itaquiry» o assumpto predilecto e obrigatorio de todos os dias. E isso acontecia sem a interferencia de Antonio Pinto. Elle não procurava geito algum para influir a mulher a que cedesse o cordão. Não! Embora curtisse esse desejo, intimamente, tinha escrupulos de demonstrar-lh'o.

Assim conseguira reprimir-se, de cada vez que Luiza Maria se punha a discutir o caso.

Certo dia o ceu se mostrou carfancudo.

Não tardou, porém, que a artilharia dos trovões ribombasse e as nuvens, após as vergastadas do vento, se despejassem num aguaceiro tão pesado como não havia em memoria daquella boa gente.

Foi uma derrama! Parecc que o mundo se acabava!

No «Itaquiry» os estragos calaram fundo. Cercas, porteiras, paiol e arvores derrubadas. Parte da casa descoberta... Um horror!

— Como é? dizia Luiza Maria, depois da tempestade, a espiar as ruinas. Como é?

— É como já lhe disse, cubró a casa...

— E o resto?

— O resto fica assim mesmo. Não mudo uma «palha». Vou é pegar a minha «matadeira» de formigas, que tanta sorte já me deu e saio por esse mundo a fóra, amontoando «cobre». A meio

cruzado cada «olheiro», garanto que já terei ajuntado com que comprar um sitiosinho, antes que appareçam as içás.

— E eu?

— Você fica na casa de meu sogro.

— Ora, Antonio Pinto... Não haverá por acaso, um geito d'eu ir também?

— Não ha geito nenhum.

— Isso é o que havemos de ver...

E ficaram pensativos.

No dia seguinte, Antonio Pinto, logo depois do café, pegou a tal «matadeira» de formigas, machina de madeira, toda cheia de folles e canudos, inventada por elle mesmo, e levando-a ao terreiro, poz-se a limpal-a cuidadosamente.

Luiza Maria, vendo-o assim tão disposto a cumprir o promettido, reflectiu algum tempo e depois, disse ao marido não querer que elle a deixasse em casa do pae, sósinha, para sahir pelas estradas, feito mascate...

— Você não quer? Pensa que vou fazer isso para meu regalo. Pois está muito enganada. Mas também não estou disposto a continuar, como até agora, «um pé rapado». A minha quéda é pela roça. Preciso ser dono de uns bons alqueires de chão.

— Pois isso é a cousa mais facil. É só ficar no «Itaquiry».

— De quê geito, Luiza Maria? Por acaso eu fizei a sorte grande?

— Não tirou a sorte grande, mas tem o cordão.

— Você fala a serio, ou está brincando?

— Falo a serio.

— Ué! que revira-volta é essa agora?

— É que tenho imaginado tanta cousa, Antonio Pinto. Olhe: o cordão é presente de papae, isso é verdade; mas é um artigo de luxo, que vive ahi na canastra, á tóa; sim, porque botalo no pescoco, mesmo em dia de festa, não tenho coragem. O que haviam de dizer? Nem «um logar p'ra cahir morto» essa gente tem? Tudo isso eu pensei. Ora, o Mandinga dá o «Itaquiry» a troco do cordão. Porque hei de me fazer de rogada? P'ra que? Seria tontura refinada! O «Itaquiry» é bom sitio, fica perto de papae, não é longe da parentada; arranjadinho por você, virava um paraizo! Inda mais que o mundo para mim está nesta redondeza!

Antonio Pinto escutava, encantado.

— Vamos, continuou ella. Hoje mesmo, sem falta, damos uma chégada ao «Macuco». Contarei tudo ao papae, «tim-tim por tim-tim» e ga-

ranto em como elle não desaprova o negocio. Ahi você corre ao sitio do Mandinga, agrada o homem, pede-lhe desculpas, realiza a barganha e o «Itaquiry» fica sendo nosso. Não acha bom?

— Acho bom demais, Luiza Maria. A felicidade entrou nesta casa, hoje. Aquella coruja que tanto agoirou, na figueira secca, perdeu o tempo. O meu sonho, o sonho ruim que tive na noite *retrazada* não foi aviso.

— Que sonho ruim foi esse, agora?

— Pois sonhei que iam roubar o cordão! Sonhei que... nem sei direito o que sonhei. Foi uma atrapalhada dos «quintos».

— Como você está ficando exquisito... Não contou nada para mim!

— Eu? Contar o sonho p'ra você? Eu, não! Você podia dizer que era um geito arranjado para influir...

— Está bom, Antonio Pinto. O melhor é deixarmos disso. O que já foi, foi. Vamos é pegar o cordão e fazer o que eu disse, o quanto antes. Estou afflicta. Póde succeder que o Mandinga já não queira, ou morra...

Instinctivamente o casal se dirigiu ao quarto.

Luiza Maria abriu a canastra e, mesmo sem olhar, poz a mão no cãntinho onde devia estar o precioso cordão. Sim, devia estar porque já não estava.

— Você buliu aqui, Antonio Pinto?

— Eu? Ora e essa!...

Ella apalpou todo o fundo da canastra, mas não encontrou o objecto procurado. Já nervosa, tirou, ás braçadas, tudo o que estava dentro e... só lhe viu o fundo, limpo! Então, pegou as roupas, peça por peça, vasculhando-lhes as algibeiras, todas, meticulosamente. Mas nem signal!

— Meu pae do ceu! Aonde está o meu cordão?

E Luiza Maria, com as mãos na cabeça, desandou num choro de creança batida.

Antonio Pinto, ajoelhado, rente da canastra, não queria acreditar. Também remexeu tudo e também nada encontrou.

Num desespero horrivel, procuraram pela casa toda. Revolveram até a cinza do fogão! Nada!

Promessas, rezas, exclamações e blasphemias não conseguiram pôr o cordão á mostra. Elle se *derretera*!

— É castigo! dizia Luiza Maria, inconsolavel e sem arrumação. Parece obra do sacy ou do «tinhoso».

Antonio Pinto emmudecera. Com a cara fechada, pensava em João Mandinga.

Si aquelle pobre casal de roceiros morasse em Londres, em Pariz ou em New-York, naturalmente não se conformaria com o succedido e, sem demora, pressuroso, recorreria á «infallibilidade» de um policia amator. Assim, um bigodudo Nick Winter ou um Scherlok qualquer, após a cachimbada costumeira, por-se-ia logo em campo e em «tres tempos» descobriria as pégadas fresquinhas do...

Mas nós bem sabemos que o Itaquiry fica no Brasil, no Estado de São Paulo, alli no municipio de Rio Claro. Depois, note-se que o Estado de São Paulo inda não tinha a policia de carreira e em Rio Claro não estava aquartelada uma secção de metralhadoras. Depois, naquelle tempo do «Imperador» quem é que sonhava com o cinema? Nem Julio Verne... Quem é que comprava espalhafatosos romances policiaes a trezentos reis o fasciculo?

Itaquiry era apenas um sertão bravo, onde onças miavam em noites de luar...

O pobre casal não teve outro remedio, sinão o de se conformar com o mysterioso acontecimento. Era incrível, mas não achavam uma explicação rasoavel, para tudo aquillo.

A canastra ardava, á beira da cama, fechada a chave. Largar a casa sósinha, foi cousa que elles não fizeram. Hospedes elles não tiveram...

— É assombroso, disse o Mariano, ouvindo a triste narração. É para pôr uma pessoa sem juizo! Depois de um largo tempo de cogitações, continuou: — «Mas o João Mandinga não foi. Tenho tanta certeza disso que sou capaz de jurar sobre a innocencia delle. Conheço-o desde criança. É incapaz de roubar.

Antonio Pinto ouvindo aquella solemne afirmação na bocca do sogro, velho respeitado e serio, profundo conhecedor dos homens, tirou um peso do coração e suspirou, como que alliviado de uma idéa tragica.

— Vou dar-lhes um conselho, meus filhos, continuou o Mariano. Acho bom que vocês não pensem mais nisso. Não comecem a esquentar a cabeça á tôa. É bobagem. Tratem agora é de trabalhar com afinco. Vão fazendo as suas economias, devagarinho. Mais dia menos dia comprem o «Itaquiry». Contem commigo. Ajudal-os-ei com o que estiver nas minhas forças.

O casal resolveu seguir os conselhos do Mariano.

Antonio Pinto começou, pois, a pôr em ordem todas as cousas do sitio. Ia fazer de conta que aquillo era delle. Fez planos. O «Itaquiry» havia de ter horta, pomar, roças, bôa casa, pastagens bem cercadas, monjolos e até um jardinsinho havia de ter.

Depois de outros arranjos, resolveu, um dia, dar uns retoques na habitação, tão avariada pela tempestade. Começaria do alto.

Em cima da casa, montado num barrote de coqueiro, assobiando arranjava o sapé da coberta, quando, por accaso, ao olhar p'ra baixo, viu o «Crô-Cró», que como sabemos era o pato de estimação de Luiza Maria, viu-o dentro da canastra, deitado nas roupas.

De subito uma suspeita surgiu-lhe na imaginação e cresceu. Tinha sido o «Crô-Cró». Pato é de uma voracidade inconcebivel! Engole tudo. E «Crô-Cró» morava dentro da casa, vivia por toda a parte. Quem sabe si encontrara a canastra aberta, como naquella hora, aboletara-se dentro, descobrira o cordão e... engulira-o!

la matar o «Crô-Cró».

Desceu da casa e foi contar tudo á mulher.

— Matar o meu querido «Crô-Cró»? disse ella, protestando. Não quero Antonio Pinto. Não foi elle. Não ha perigo. Um cordão daquelle tamanho! Depois si fosse elle, havia de estar doente...

E Luiza Maria defendeu o «Crô-Cró» da melhor forma que ponde.

E Antonio Pinto não matou o «Crô-Cró». Não o matou áquella hora, como determinara.

Mas no dia seguinte, amollava uma enxada, sentado na soleira da porta, quando viu a mulher sair com uma lata e encaminhar-se para o correjo em busca de agua.

Não resistiu mais.

— Ah! seu «grandississimo» tratante, disse elle pegando o pato. Com que então já não chega o milho, nem os restos de comida, nem bolachinhas? Agora é avançar em tudo. Papas finas: cordões de ouro...

E de repente, para não dar tempo ao arrependimento, torceu-lhe o pescoço. O pobre pato, que até alli, todo contentão, esperava por alguma guloseima, esperneou, os olhos vidraram-se-lhe, estava *prompto*.

Foi então agarrado novamente e aberto á ponta de faca.

— Eu não disse! gritou Antonio Pinto, como doido, olhando para dentro do papo do «Crô-Cró» onde avistara umas fagulhas rebrilhantes. Eu não

disse? continuou elle, correndo, sujo de sangue, ao encontro da esposa. Veja! Veja, Luiza Maria! E mostrava-lhe o papo aberto do palmipede.

Luiza Maria largou da lata d'agua.

— Você matou o meu «Crô-Cró»? Você... Eu já sabia que o fim delle era este mesmo. Toda vida você não gostou delle. Era cada ponta-pé.

— Não se zangue, minha Luiza Maria. Seja razoavel. Olhe que era preciso tirar as duvidas. Agora estou mais descaçado. Matei o «Crô-Cró». Mas você nem deve ter dó delle. Fez o papel daquella vibora que sendo salva pelo calor dum homem, quiz mordel-o. «Crô-Cró» não era pato.

— Então o que elle era?

— Era uma vibora, Luiza Maria. Era uma vibora damnada! Hei de comel-o com arroz!

* * *

E assim, parece que a historia se acabou, terminando naquella noite, com uma ceia de pato e arroz.

Mas não se acabou ainda. Falta mais um pedacinho. Contemol-o:

O tempo, que é tambem distancia, deixou lá longe, em ponto pequenino, quasi esquecida, a historia do cordão.

Os conselhos do Máriano fructificaram.

O «Itaquiry» estava outro. Quando os ipés florescia já se não falava em arrendamento. João Mandinga, sabedor que foi do sumiço do cordão, ficou mudado, virou uma «seda». Sem ninguem pedir, offereceu o «Itaquiry» a praso, a praso bem largo.

Antonio Pinto acceitou o offerecimento. Acceitou-o e depois não teve descaço. Si por um lado amortisava a divida, muito de vagar, por outro, melhorava o sitio. Construiu boa casa, fez pomar e horta, conseguiu pastagens bem cercadas, assentou o monjolo e o jardinzinho sahiu.

Luiza Maria tinha filhos. Um delles, o José Miguel, ou Zé Miguel como era tratado, já andava nos 6 annos. Era o queridinho, mas trabalhava, como trabalhavam todos naquella casa.

O mais velho ralava mandioca, para fazer polvilho; o do meio fazia um pouco de cada cousa, e elle, por ser o menor, ficava ajudando nos arranjos de casa.

Pois bem. Certa manhã, Zé Miguel pegou na vassoura de guanxuma e foi varrer o quarto. Como soffresse da mania dos arranjos, verrumava-lhe a *cachola* o desejo de dar uma nova disposição aos moveis do quarto de seus paes.

Sem dizer palavra á mãe, tratou de executar o plano concebido.

Principiaria mudando a canastra.

— Mudar a canastra! Ha quantos annos dormiria ella naquelle canto?

Fez alavanca com o cabo da vassoura e começou a empurrar a canastra, mas... os seus olhos o deslumbraram. Dentre as taboas e o couro, em baixo, num logar furado, surgira a ponta de um cordão de ouro.

Ora, Zé Miguel que sabia a historia, de cór e salteada, foi pulando e gritando, chamar a mãe.

Pouco depois estavam todos no quarto, estupefactos.

Antonio Pinto abaixou-se e puxou a ponta que apparecia.

O cordão, o *derretido*, o chorado cordão, sahiu... inteirinho.

— Ah! que cousa exquisita, meu Deus! exclamou Antonio Pinto, batendo na testa. Que cousa extraordinaria! Na minha vida garanto que não chegarei a ver outra igual. Façam idéa... Tanto quebra-cabeça, tanta choradeira, tanto mau juizo e... o cordão tão bem guardadinho ahi. Guardadinho por estas minhas mãos!

— Como é Antonio Pinto? Como é que você disse?

— É, Luiza Maria. Só agora, por esta casualidade, dez annos depois do succedido, é que me lembro como foi. E quem havia de dizer? Pois foi durante aquelle sonho ruim. Sonhei que iam roubar o cordão e sonhei tambem que o escondi aqui. Até parece que estou vendo como foi.

— E não ha de ver que podia ser mesmo? Mas... e as faiscas de ouro no papo do «Crô-Cró»?

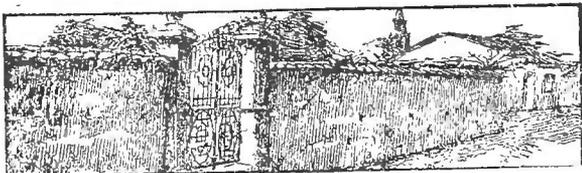
— Aquellas faiscas que brilhavam? De certo nem eram de ouro, Luiza Maria. De certo eram pedacinhos de qualquer metal amarello.

— No emtanto, continuou Luiza Maria, no emtanto *o pobre pato é que pagou o...*

* * *

Emquanto o facto corria ligeiro, contado por toda a gente daquellas redondezas, o cordão *deu hora*. João Mandinga acceitou-o pelo resto da divida, que ainda era bem grande.

Para festejarem a escriptura de quitação, passada semanas depois, na freguezia de São João Baptista de Rio Claro, Antonio Pinto e Luiza Maria fizeram muita cousa no «Itaquiry»: jantar, reza, ceia, baile, desafios e um animado *racha-pés*.



O ARREPIO

A caminhada fôra longa, embora feita lentamente, porque não tínhamos pressa nem destino. Não será a melhor maneira de repousar idéas, de adormecer preocupações, de preparar o espirito para um jantar appetecido e para uma noite reparadora, andar a tôa, uns vinte minutos, meia hora, a pé, em companhia de alguém com quem se esteja em intimidade absoluta, assim pelos crepusculos de verão, nas tardes ventiladas, quando já desapareceu o calor afogueante dos ultimos raios do sol, quasi horizontaes?

Se não estavamos, na verdade, cançados, punham já os nossos musculos uma certa indolencia na marcha e uma lassidão agradável se insinuava nas pernas, nos braços em abandono e chegava mesmo ás nossas espaduas. Assim o convite mado mas persuasivo, daquelle banco sob a aparada fronte do city, perto dos massiços em flôr, sendo oppórtuno, foi aceito com agrado por nós ambos.

— Um cigarro!

— Se não for muito forte...

Era de fumo fraco. O meu amigo aceitou-o e entrámos a fumar com preguiça, os olhos perdidos no mar immovel da enseada, nos claros palacios da Praia Vermelha, até o céo, do outro lado das pedras. Carros passavam, de volta de um enterro, seis, oito em fila, apressados, empoeirados, conduzindo sujeitos vestidos de preto, as faces a reluzir das fricções violentas dos lenços enxugando o suor. Em sentido contrario passou um elegante double-phaeton de 40 cavallos, rapido, e um instante brilharam vestidos frescos de verão e véos e gazes de côr, *echarpes* que fluctuaram nervosamente para fóra da *carrosserie*...

— Quem é?

— Não sei, não pude ver.

E a poeira implacavel que se levantava na estrada e subia até nossos olhos, bocas e narinas, fez-nos voltar com desgosto a face para o outro lado. Ao mesmo tempo o meu amigo estremeceu dos pés á cabeça.

— Que foi isso?

— Foi o arrepio, respondeu-me a rir, apontando com o dedo o mirante de um dos mais

altos predios da cintura de construcções. Era um predio novo, dos mais bellos da nossa epoca, producto dessa especie de renascimento architectonico que se manifestou quando a bem amada cidade do Rio de Janeiro resolveu finalmente reagir contra a tyrannia inesthetica dos mestres de obras, classe execravel de utilitaristas sem inaginação, sem idéas, sem gosto e sem responsabilidade profissional. Era uma casa alta, de linhas graciosas, ao sabor flamengo, com um dos lados se projectando em torre até grande altura. Não estava concluida, mas não se via senão um andaime, exactamente no mirante, dando-lhe a volta toda e sem pontos de apoio do lado exterior. Não passava de uma platibanda feita de taboas ligadas umas ás outras, conjugadas provisoriamente, todo o apparelho preso pela parte interna da casa. Não tinha mais que tres palmos de largura e sobre o estreito passadiço estava um homem agachado, provavelmente o operario que reunia os seus utensilios, acabada a tarefa.

— Tiveste receio que o homem viesse abaixo, perguntei, quando o operario se retirou.

— Não...

— Soffres da vertigem das alturas?

— Também não. E se soffresse, não havia risco porque eu estava em baixo. Queres a explicação do meu arrepio?

— Está claro que sim.

— O arrepio vem todas as vezes que vejo alguém trabalhando numa torre ou mesmo em qualquer andar mais elevado, em equilibrio sobre uma taboa que se projecta fóra das fachadas.

Hoje foi a vez daquelle pobre homem.

Vem-me o arrepio porque me lembro de certo factó, já muito remoto, que me causou uma terrivel sensação, sem, entretanto, no momento, fazer-me estremeecer.

Eu cursava o primeiro anno de direito, numa Faculdade de provincia.

Tinha uma boa roda de amigos na turma. E nessa roda havia de tudo: o estúrdante modelo, vivendo apenas para o compendio — classe de moços que até a terminação do curso fecham todas as portas deslumbrantes da vida e se contentam com a miseravel janela do exacto e acanhado cumprimento dos seus mesquinhos deveres academicos; o alumno brilhante que se não vê estudar e presta excellentexame; o repente eterno, que sempre tem a sorte de encontrar um professor sem entranhas, reprovador desalmado, poço de odios pessoases; outro que, para não per-

der uma hora estudando um ponto, compreendendo-o, gasta duas aparelhando o material de fraude para as provas, com muito engenho mas sem a assimilação de uma só idéa; e até mesmo o que sem estudar durante o anno, sem o menor cabedal armazenado, consegue por um prodigio de presença de espirito, dizer coisas certas em banca. Moravamos oito na *republica*. Tínhamos a casa toda, uma casa térrea, situada na praça, em frente á Cathedral.

Certa ocasião — a epoca de exames vinha perto — eu estava abancado na sala da frente, devorando os pontos de Direito Romano, quando subitamente no interior estalou uma algazarra, uma alteração. Mal reconheço a voz de dois collegas em disputa, eil-os atravessam a sala como um pé de vento, um perseguindo o outro, e, saltando a janela baixa, caem no passeio, ganham a praça que um alvo lençol de areia cobria e por ella continuam a desabalada carreira. Eu deixara o livro, interessado na aventura, acompanhando as peripécias daquelle sport improvisado.

A praça não era muito grande, de sorte que eu podia seguir todos os movimentos dos companheiros. O perseguido conseguia manter o outro a distancia de seis a oito metros. Varias vezes fizeram a volta á praça e de cada vez que passavam em frente á janela mais afoguerdos vinham, mais excitados e cada qual menos disposto á rendição. Inda lires soltei um grito: — Malucos! Ambos viraram os rostos rubros e risonhos para o meu lado e continuaram a correr talvez mais animados.

Um era magro, outro era gordo. Parece que o gordo, com o meu grito, ganhara certa vantagem. O magro, o perseguido, logo viu isso e enfiou pela porta aberta da igreja, defronte. E o gordo passou atraz delle. Eu repeti para mim mesmo: Malucos! e ia abandonar a janela, voltando ao livro.

A manhã estava fresca e alegre. O sol nascendo no oitão de nossa casinha, batia em cheio nos predios fronteiros. A Cathedral, toda branca, mais branca estava do sol. A brisa que corria rente ás casas do lado ensombrado era uma caricia boa. Creadas regressavam do mercado, os cestos abarrotados de legumes. Creanças brincavam de roda e cantavam, á sombra de um castanheiro. Mas, uma pancada de sino, uma pancada secca, falha, de resonancia aspera, veio tirar-me da contemplação em que estava mergulhado. Levantei, instinctivamente, os olhos para as torres alvas da Sé e, de repente, na torre do

lado esquerdo, vi surgir da mais alta janela, da ultima ogiva, a figura do magro. Deteve-se um instante. Avançou o pé, experimentando a platibanda. Passou para fóra, deitando logo a correr. Não tinha ainda desaparecido do lado de lá da torre e o gordo já transpunha tambem a ogiva, ganhando a platibanda e disparando empós do outro.

Essa plataforma não chegava a medir tres palmos de largura — na tarde desse mesmo dia fui verificar — distava do sólo, meu caro, apenas quarenta e cinco metros. Não tinha corremão ou balaustrada, nada que se parecesse com um vago ponto de apoio. Pois, foi por ahj mesmo que, durante uns tres infinitos minutos, vi em voltas successivas, o magro passar perseguido pelo gordo o gordo perseguindo encarniçadamente o magro. Eu tinha o coração pequeno, apertado, e creio que a minha emoção ainda era maior quando algum dos dois, ou, ás vezes os dois ficavam occultos pela torre. Eu acompanhava, suspenso, a pavorosa carreira: o magro... o gordo... o magro... o gordo... o magro... o gordo... De repente — e nunca mais tive sentimento de alivio tão grande — o magro desapareceu pela ogiva. O gordo seguiu-o. Respirei. Estavam salvos.

Na dia seguinte, voltados á razão os contenedores, fizemos a nossa mudança para longe da Cathedral. E ali tens a historia do calefrio...

OSCAR LOPES

MONTEIRO LOBATO

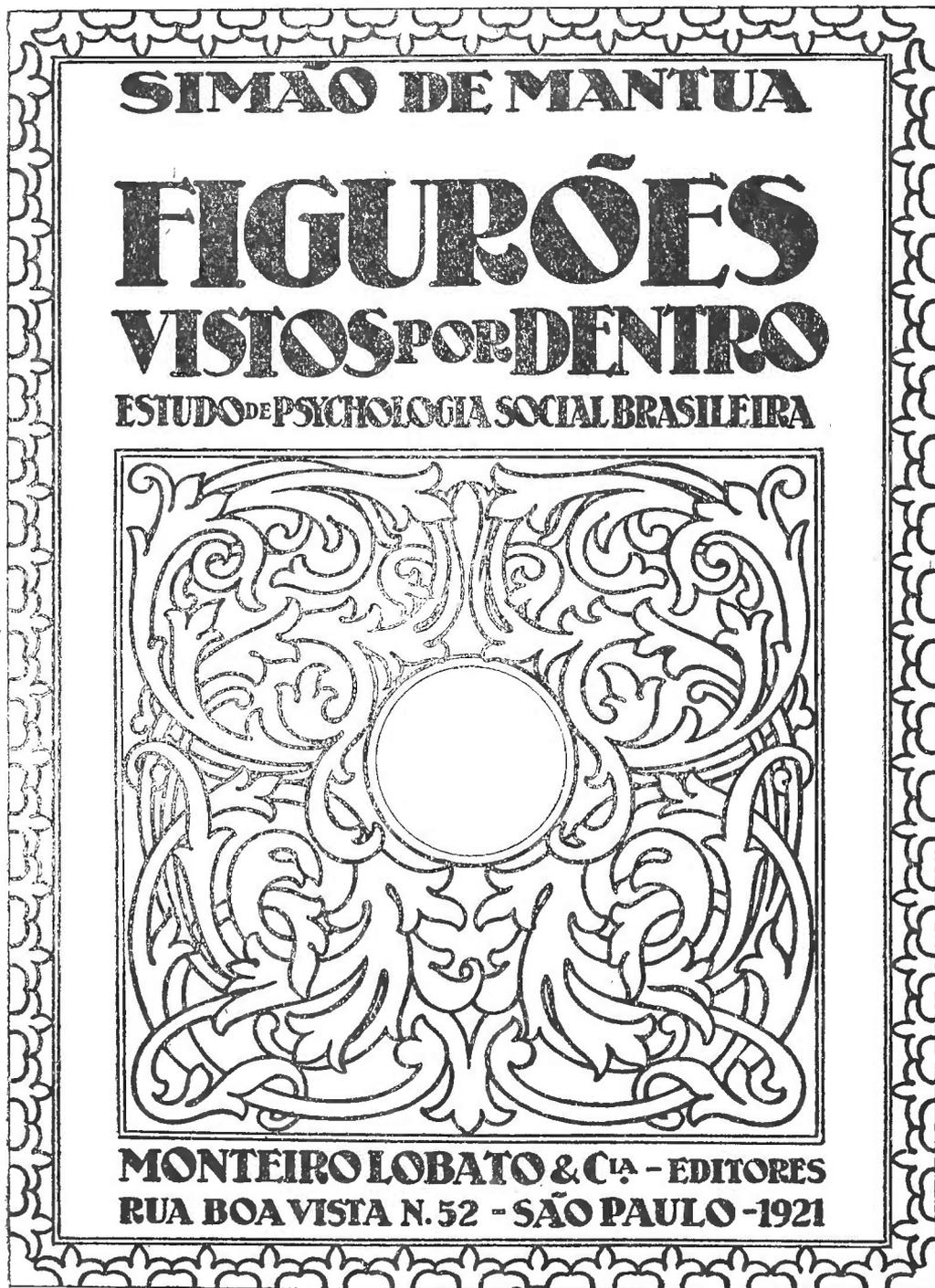
OS NEGROS

N. 2 DA NOVELLA NACIONAL

Preço 1\$000

PEDIDOS Á
SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA ABRANCHES, 43 - CAIXA, 1172 - S. PAULO

Acaba de aparecer:



Preço 4\$000

SUPPLEMENTO



CRITICA

"Juntamente descobridora e creadora de belleza, guia solícita e amavel entre o intrincado labyrintho que é o contradictorio mundo das ideias actuaes, clarividente perceptora de todos os matizes e aspectos da obra de arte e do espirito que a produz, a critica moderna é o genero prestigioso e attrahente que, abraçando todos os outros generos, mais voga adquire todos os dias na literatura universal. Não a imagineis, de accordo com a preocupação vulgar, como uma senhora sisuda e rigida, que esquadrinha as faltas para condemnal-as com rigor, como pôde ser nos tempos de Boileau, Despreaux e ainda posteriormente. É, antes, uma musa alada e graciosa, enamorada e agil, cujas virtudes são a curiosidade de todo conhecimento, a sympathia, a comprehensão e a tolerancia e que, percorrendo airoosamente os jardins da arte, da sciencia e da vida, vae assignalando com sua varinha magica cada flor aberta á sua passagem, emquanto a sua palavra inquieta, variada e pittoresca, tece, sobre taes motivos, commentarios mais bellos e profundos ás vezes que o proprio objecto que os suggerere. Assim a conceberam e realisaram esses mestres sabios e elegantes que se chamam Renan, Taine, Sainte Beuve, Macaulay, Saint-Victor, Matew Arnold, De Sanctis ou D. Juan Valera.

«Um excellent critico — disse Voltaire — seria um artista que possuísse muita sciencia e gosto e que estivesse isento de prejuizos e de inveja.» Eis aqui uma definição excellent que

assignala as condições fundamentaes e difficeis de reunir que tão alta actividade intellectual exige, ou sejam a intuição artistica, que logra penetrar na propria alma das coisas, o saber e o bom gosto indispensaveis á comparação, á reflexão e analyse, a imparcialidade e inteireza moral, que outorgam sinceridade ao juizo e permittem reconhecer, sem obstaculos, a summa de verdade, de bondade e de belleza que possa caber sem toda espécie de ideias e em toda forma de arte.

Affirmemos uma vez mais que a critica, bem entendida, não é sómente obra de analyse mas tambem obra de grande e fecunda criação. Porisso os ensaios de critica scientifica ou *estopsychologia* como a chama Hennequin, só podem adquirir valor indiscutivel sempre que, ao seu methodo analytico insuperavel, juntem a capacidade de synthese e a belleza de expressão de um espirito artistico. A grandeza do trabalho critico de Taine está tanto em suas systematicas construcções sociologicas, buscadas no estudo de obras literarias, como na côr, no movimento e na riqueza do seu estylo, sem o qual aquellas viriam a ser pallidos esquemas incapazes de suscitar um fundo interesse e de suggerir profundas ideações.

MELIAN LAFINUR



DA "ARTE de FURTAR,,

Vieira ou alguem por elle, na «Arte de furtar», affim de nos mostrar como devem os governos bem remunerar os seus servidores, para que por suas proprias mãos não se paguem estes em dobro, figura-nos interessante parabola, uma das mais bellas e expressivas que se conhecem e que tanta eloquencia tem, quanta graça resumbra.

«Tenham todos por certo, que, se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos e remunerações dos serviços que lhes fazem . . . — conclue o incognito pamphletario.

Mas não nos dilatemos de antemão nas conclusões, quando ainda o feito não referimos.

Precavenha-se o leitor contra as rebarbas de dons ou tres aichismos de maior tomo, uma ou outra expressão vernacula esquecida e leia a bella pagina, capitulo VI, paragrapho 16 :

«COMO NÃO ESCAPA DE LADRÃO, QUEM SE PAGA POR SUA MÃO

A um cego, desses que pedem por portas, deram em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, e que se pode pizar, tractou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava: e para isso concertou com elle, que o comessem bago e bago alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar si o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cábes a ternos: não lhe esperou muito o cego; e ao teroeiro invite descarregou-lhe com o bordão na cabeça. Gritou o rapaz: porque me daes? Respondeu o amo: porque contratando nós que comessemos igualmente estas uvas bago a bago, tu comes a tres e a quatro. Perguntou-lhe então o moço: e quem vos disse a vós que fiz eu tal aleivosa? Isso está claro, respondeu o cego; porque faltando-te eu primeiro no contracto, comendo a pares, tu te calaste sem me requereres tua justiça, e não eras tu tão santo que me levasses em conta, nem em silencio a minha sem-razão, senão pagando-te em dobro pela calada.»

Leram? Comprehenderam?

A um cego, que de porta em porta mendigava, em certo lugar deram de esmola um cacho de uvas. Ora, alforge de pobres resguarda-se mal, tanto porque, pela fome de seus do-

nos, nelle nada sóe permanecer guardado, como porque, cevadeira inconsistente, de tecido, nelle só se guarda mal aquillo que se pode amassar e esmigalhar. O cego, pois, tratou de garantir-se as uvas, antes que se pizassem, combinando com o seu guia o comerem-nas irmanmente, bago a bago. E depois de quatro idas e vindas ao cacho, não podendo com os olhos assegurar-se da lealdade do servo, imaginou o cego faltar ao promettido, comendo aos pares os bagos e pondo assim à prova o contracto com o outro. Não protestou, calou-se o moço e «den-lhe os cábes a ternos», que é como se dissessemos — «passou-lhe a perna», comendo a tres e tres... Não se fez esperar alarmado o velho e, ao terceiro golpe assim multiplicado, desancou-o a bordoadas de legitimo bordão.

(Que mais apreciar ahí?)

A belleza do estylo, caracterisado pela boa regencia prepositiva, pela ordem inversa sempre que o pronome sujeito apparece, pela força dos verbos e expressividade dos termos, característicos de uma epoca? Ou o amplo e dilatado da verdade moral, applicavel universalmente a tantos casos da diuturna pragmatica?



O NOME BRASIL — F. ASSIS CINTRA — Monteiro-Lohato & Cia. — São Paulo.

Depois do apparecimento de meia dúzia de obras notaveis, estamos em São Paulo em pleno florescimento da mediocridade. Dos nossos ultimos livros salva-se apenas a intenção, a louvavel intenção de trabalhar e produzir.

A tudo, porém, sobrepaira consoladora constatação: a industria editora se firma e consolida. E' para o que valem os maus livros — dão a medida de resistencia do meio... e attestam a elasticidade do commercio livreiro. Assim, o progresso do negocio editorial anda hoje na proporção inversa da qualidade da materia-prima intellectual e artistica. Pois, si quanto mais molins as obras, mais prospera a industria...

Não está bem nestes moldes o livro do prof. Assis Cintra (Assis com S). O seu — O nome Brasil — representa um trabalho valioso de investigação e methodo, trabalho completo, exhaustivo, de analyse e documentação. Estudando todas as hypothèses, pró ou contra uma ou outra graphia da palavra Brasil, inclusive as mais absurdas, o auctor se revelou um crítico de admiravel sangue-frio, que, não contente de refutar as opiniões respeitaveis, refutara-as todas, uma por uma, com grandes gastos de erudição.

Em meio desta florada rarchitica, fez obra consistente.

QUESTÕES DE PORTUGUES — F. ASSIS CINTRA — Weiszflog & Irmãos — São Paulo.

Não se dirá o mesmo do livro «Questões de portuguezs», em que o mesmo professor se compraz em resolver

questionoulas de grammatica puramente formal. E' um amontoado de observações estreitas, sem ordem nem methodo, sem espirito nem folego.

Imaginavamos que no Brasil já passáramos o periodo da grammaticque pelo prazer da propria grammaticque e que, já ha muito, haviamos entrado em uma phase nova de estudos methodicos, elevados e largos, altamente inspirados num pensamento superior, preoccupados com entender e explicar os phenomenos da linguagem. Era já tempo, parece, de dar alma a essa coisa terrifica — a grammatica. Pois ainda não somos capazes de fazer algo como a philosophia da linguagem?

Talvez, não. Se agora, depois que Mario Barreto nos deu uma serie de estudos «liberaes» de portuguez, os quaes são um encanto o uma delicia de vistas largas, de espirito e de elevação, descahimos nesta estreiteza de «magister-dixit» é que ainda não sahimos daquello periodo.

Lamentavel. Decididamente, porém, já não cabem grammaticques no indice de nossa cultura.

Pelo que o prof. Cintra está na obrigação de arejar e aclarar um pouco a sua pesada, nevoenta erudição...

RELIQUIAS DA MEMORIA — CANTO E MELLO — E. Typ. Ed. d'O Pensamento — São Paulo.

Ha uma dezena de annos, proxima-mente, havia no interior de São Paulo um jornal de grande circulação, que, nas linhas da Paulista e adjacencias, entrava em todas as estações, penetrava em todas as casas, devorado por leitores de todas as camadas sociaes. Era um expoente, um grande expoente social. Não tinha, nunca teve cor politica. Era, porém, vermelho por duas feições. Imprimia-se em cor de rosa e, carregando no mesmo matiz, só imprimia o rubro: — crimes, assassinatos, assaltos na estrada, dramas de amor e de adulterio, tragedias, toda a craveira do tragico, do horrivel e do funebre. Jornal vermelho, o menos lugubre de suas rosadas paginas eram os fallecimentos da gente da terra, unicas locas admittidas no seu abundante noticiario... Pois, por cumulo, pacaissima era a cidadoesinha em que se publicava.

Que preciosidade não seriam as colleções dessa folha! Os nossos romancistas, abeberados nellas, suppririam todas as deficiencias da imaginação e da preguiça mental, com o apreciavel proveito de se manterem à altura do publico.

Reliquias da memoria nos faz pensar no antigo organ-expoente do Oeste. Começa, logo de entrada, com «ferimentos graves» e «cicatrices». Desde logo, uma epidemia de cholera, a resurreição de um morto e o desvario, eufurecimento e morte de uma rapariga... Duas paginas além da epidemia, antes de recobrada a serenidade dos nervos, eis... Eis o que, leitor amigo? Nada menos que um supplicio que escapara à inventiva chinezes; a morte de um homem estaçado entre quatro mourões, como as diagonaes de um rectangulo... E a serie dantesca prosegue: marcação de gado, a ferro em brasa, morte de um touro a cabecadas de carneiro, assassinio de um guitarrista. Depois, uma scena homérica: dois, quatro, seis meninos se atraçam, num só bojo, num unico pugilato, de que ainda participam dois cães, uma vacca e...

um porco. E o romance continua, a-travez de visões macabras, sonhos, pesadellos, horrores, até romatar em nova epidemia de cholera. E' o digno epilogo de tamanho prologo.

Como se vê, o romance acompanha a theoria do jornal. O jornal teve exito. O romance tel-o-á tambem.

A psychologia ambiente não se altera...



Uma bella imagem.

Escrever é jogar com ideias. Uma pagina sem ideias é menos que um manequim, ainda que irreprehensivelmente vestido. E' uma roupa enfundada no cabide...

Mas não bastam ideias. São ellas apenas materia bruta, que cumpré forjar, modelar, polir. Só vale a imagem. A vulgaridade de uma ideia contém os elementos da belleza de uma imagem, como a bruteza da silica os brilhos do crystal o a opacidade da pedra as scintillações do brilhante.

Assim, a ideia de uma voz que echoa é a simples representação mental de um phenomeno physico de observação quotidiana: a repercussão. Faltam-lhe caracteres de precisão e forma artistica. Precisemola, pois: gritos do dor ecoam pelas muralhas de um mosteiro. Ainda é o facto em sua singeleza. Onde a poesia? Onde a arte?

Seriam, porém, multipas as suas expressões poeticas. Eis uma: «... meus gritos de profundas dores não de perder-se desoladamente na mudez cavernosa das muralhas».

Quasi se não reconhece, à falta do termo — «echo», cuja significação, aliás, paira sobre os versos, residido principalmente no verbo «perder-se», e no qualificativo «cavernosa».

Esplendida expressão! Na verdade, que é o echo? E' o silencio que se cava em galerias sonoras, a-travez de todos os anteparos. São cavernas de som, abertas na solidão e quietude dos paramos.

São esses versos das «Urzes», livro de estreia de Amadeu Amaral, publicado em 1899. São do soneto inicial, todo elle um longo echo, como a affirmação de um temperamento de auditivo:

Quem me conheça, muitas vezes ha de ver que na Dor, como hoje, me en-
[clausuro
—monge vagando em corredor escuro,
alheio aos echos da commuidade.

Mudo e grave e alquebrado, como um
[frade
que sonha um sonho religioso e puro,
olho, ás janellas ogivas do muro,
o roxo pôr-de-sol da mocidade.

Sinto que a noite vem, cheia de hor-
[rores
coller-me neste claustro, onde ômon-
[te
resoum pelo chão, minbas sandalias;
e que meus gritos de profundas dores
hão de perder-se desoladamente
na mudez cavernosa das muralhas;

EDIÇÕES DA

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciantes 8\$000

Estudos de Direito Commercial 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciantes precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por Lima Barreto	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira	4\$000	—
			PEDIDOS PARA O INTERIOR, MAIS 10 o/o PARA O PORTE		

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amáral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras; contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

16

A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).